

## A CULTURA E A RELAÇÃO COM A MORTE

Luiz Felipe Pereira Nunes<sup>i</sup>

Thiago Sant'Anna e Silva<sup>ii</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa explora o campo do patrimônio sombrio através de um enfoque culturalista, utilizando um levantamento bibliográfico. Analisamos a formação da identidade, a dinâmica de poder e a história cultural, com foco na cultura do macabro. Buscamos identificar locais que poderiam ser considerados patrimônio, relacionando-os com a estética de pessoas interessadas no tema fúnebre e sombrio. Investigamos as narrativas de horror e sua evolução histórica, destacando o crescente interesse social pelo terror. Essa análise visa contribuir para a compreensão e preservação de elementos culturais muitas vezes marginalizados, oferecendo perspectivas sobre como esses aspectos podem ser incorporados à noção de patrimônio cultural, reconhecendo a influência e a atração que o sombrio exerce sobre determinados grupos na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Patrimônio. Cultura. Lenda Urbana. Folclore. Horror.

### ABSTRACT

This research explores the realm of dark heritage through a culturalist approach, employing a bibliographic survey. We examine the formation of identity, power dynamics, and cultural history, focusing on the macabre culture. We aim to identify potential sites that could be categorized as heritage, linking them to the aesthetics of individuals fascinated by funeral and dark themes. Investigating horror narratives and their historical evolution, we highlight the growing social interest in terror. This analysis aims to contribute to understanding and preserving often marginalized cultural elements, offering perspectives on how these aspects could be incorporated into the notion of cultural heritage. It acknowledges the influence and allure that the dark exerts on specific societal groups in contemporary society.

Keywords: Heritage. Culture. Urban Legend. Folklore. Horror.

### 1. INTRODUÇÃO

O horror faz parte da sociedade, nós evoluímos como seres humanos através do medo, ansiedade e tristeza, foi primordial para que chegássemos ao patamar evolutivo em que estamos, entretanto, algumas pessoas se sentem atraídas pelo universo do sombrio, elas se interessam por histórias, locais e como tal, buscam seus semelhantes, elas se identificam a partir de uma cultura e perscrutam através de uma identidade realizar laços com semelhantes.

Essa pesquisa tem como objetivo discorrer sob o olhar culturalista a formação de uma identidade e as relações de poder que se estabelecem ao se formar e reforçar uma identidade, o impacto da cultura nessa relação entre grupo, indivíduo e seu interesse pelo sombrio, dialogando com autores como Stuart Hall e Florestan Fernandes. Para além do movimento culturalista, bebemos de fontes do campo do patrimônio, acompanhando o caminho da criação da Comissão Nacional do Folclore e

<sup>i</sup> Bibliotecário documentalista da Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Biblioteconomia pela Universidade de Goiás (UFG) Mestrando em Memória, cultura e patrimônio pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e-mail: luiz.nunes@unb.br.

<sup>ii</sup> Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) associado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do campus de Goiás. Historiador pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB), Doutor pela Universidade de Brasília (UnB), Pós-doutorado em Artes e Cultura visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG) E-mail: thiagof.santanna@ufg.br.

as discussões do que era cultura para a classe alta e para a classe baixa, na Europa e no Brasil.

Para exemplificar a identidade de um grupo, apresentaremos a evolução com uma breve narrativa histórica o interesse pelas histórias de terror e locais, que servem como ponto de encontro para se compartilhar de interesses, tais quais: O lúgubre, para tal, trazemos o documentário Turismo Macabro e o tour Haunted de São Paulo. Dentro do campo do patrimônio atribuímos para esse estudo o patrimônio da dor/sombrio como todo aquele, que se relaciona com a morte ou com momentos de sofrimento.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 IDENTIDADE E CULTURA

Para Hall (2014, p.9) “a identidade é marcada por símbolos. O simbolismo serve como um signo de identificação entre um grupo, um motivo de união e de diferença” — ainda para Hall (2014, p.9) — “a identidade é relacional, ou seja, marcada pela diferença.” Neste artigo pretendemos analisar a identidade e a cultura do público que se enreda sobre a temática lendas urbanas, essas pessoas possuem sua identidade e seu estilo, O questionamento que será levantado é: elas se identificam como um grupo apesar de suas diferenças? elas seguem uma visão de cultura?

Para discutirmos sobre identidade caminharemos de mãos dadas com a cultura, Bakhtin (1987 p.5) “trabalhou a cultura mais

especificamente a popular como cômico-carnavalesco, realizando uma alegoria comparativa com o carnaval, apesar de que, sua análise pode ser encaixada como um olhar sobre a população”. Para Bakhtin (1987 p.5) em sua obra — A cultura popular na idade média. — “a cultura se dissolvia de tal forma pelas camadas sociais que os ritos, em suas palavras “pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida.”

Fernandes (1989 p.38)

para alguns folcloristas contemporâneos o termo cultura significa o patrimônio cultural das classes mais elevadas; e seria caracteristicamente, uma cultura transmitida por meios escritos, compreendendo todos os conhecimentos científicos, as artes em geral e a religião oficial. O termo folclore significa e abrangia, pois, todos os elementos que constituem o que se poderia entender como, “a cultura das classes baixas”, transmitidas oralmente. (FERNANDES, 1989 p.38)

O estudo da cultura para Florestan Fernandes (1989) seria “o estudo do patrimônio cultural das elites, aquele que é científico, escrito, enquanto o estudo folclórico seria à cultura das classes baixas, o que é oralizado e não documentado de forma científica.” A separação entre o que é cultura de classes, de elite e de plebe, colabora para à discussão uma nova visão sobre a temática, o poder. E dentro dos culturalistas, existem aqueles que se debruçam especificamente sobre o estudo da sociedade e sua relação com a cultura.

O crítico de cultura não está satisfeito com a cultura, mas deve unicamente a ela esse seu mal-estar. Ele fala como se fosse o representante da natureza imaculada ou de um estágio superior, mas é necessariamente

da mesma essência daquilo que pensa ter a seus pés. A insuficiência do sujeito que pretende, em sua contingência e limitação, julgar a violência do existente- uma insuficiência tantas vezes denunciada por Hegel, com vistas a uma apologia do status quo - torna-se insuportável quando o próprio sujeito é mediado até a sua composição mais íntima pelo conceito ao qual se contrapõe como se fosse independente e soberano. Adorno (ADORNO, 2002 p.45)

Adorno (2002) “em sua obra contempla o papel de um crítico de cultura, o papel de não estar satisfeito com a cultura, de estar constantemente incomodado e por tal, se colocar a frente em sua crítica.” Para além de criticar, Adorno questiona o que lhe dá o poder, como independente e soberano de poder exercer o seu labor de crítico. Para Santos (2006 p.7) “Cultura é uma preocupação contemporânea, ela serve para compreender os caminhos que levaram a sociedade a seu desenvolvimento”, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e para dignidade nas relações humanas.

Podemos visualizar que o estudo da cultura se relaciona com uma visão humanística da sociedade, com uma relação de identidade e poder. A cultura é moldada ao mesmo tempo em que molda a sociedade, ela é senhora de si e serve de seus caprichos, os indivíduos se expressam e formam em civilizações comunidades de modo que podem ser identificadas como parte de um grupo (identidades) e a partir dessas identidades formadas é possível assimilar símbolos e

sociedades e a partir desta visualização, é possível identificar quem não é pertencente a esse grupo, aquele que se faz diferente, o exótico.

A cultura é fluida, ela não tem um caminho estático e direcionado, ela alterna e como tal, ela se move. Mead (2009 p.293) em seu livro *Sexo e temperamento*, nos apresenta a relação de três tribos da Nova Guiné:

os Arapesh das montanhas, os Mundugumor dos rios e os Tchambuli do Lago, todas as três tribos habitam uma região geográfica próxima, algumas se relacionam entre si de forma mercantil, entretanto, cada uma delas tem seus hábitos, culturas, vivências e relações de poder estabelecidas entre os gêneros. Enquanto os Mundugumor são uma tribo em que o poder gira nas mãos dos homens mais fortes, entre os Tchambuli nascer homem é ter em seu futuro uma atribuição ligada às artes. (MEAD, 2009 p.293)

É válido ressaltar dentro dessa relação de poder, que quem realizou esse estudo foi Margareth Mead uma mulher, branca, de uma sociedade dita “civilizada” que alcançou prestígio dentro de seu campo de estudo, a antropologia, sendo assim, a visão do que é registrado parte de um quem, quem observou? Quem é o observado? Essa conexão entre o voyeurismo de Mead sob o pacto social daquelas comunidades é humanamente impossível manter uma lente que os separe sem ranhuras, uma observação pura de sua cultura pelo olhar do outro e com isso, pode-se transmitir conceitos prévios irrigados de experiência.

## 2.2 A CULTURA E O POVILÉU

Apesar de Bakhtin (1987 p.17) nos “trazer uma visão sobre a cultura popular na idade média, caminhando em compasso com a cultura erudita e nobre da época — a seu modo — ressignificando ritos, e trazendo consigo uma visão cômica da sociedade”, visão esta que assim, como na pesquisa de Mead, pode-se ter um arquétipo dúbio, pois se trata de uma sociedade/classe discorrendo sobre uma outra sociedade/classe completamente destoante. Ainda é necessário aprofundarmos mais sobre cultura popular para compreendermos como chegamos aos grupos que se identificam com a temática de lendas urbanas e folclore.

Para Rocha (2009 p.219):

a cultura popular tem chamado a atenção de intelectuais ocidentais desde os fins do século XVIII, momento em que a Europa passou por grandes transformações sociais. Desde então, a divisão cultural entre o erudito e o popular se estendeu a outros níveis da realidade social, por exemplo entre o rural e o urbano, o oral e o escrito, o tradicional e o moderno. (ROCHA, 2009 p.219)

Essa divisão cultural, citada por Rocha, nos traz novamente a ideia de diferença cultural para a reafirmação como visto em Hall (2014 p.7) “eles fumam cigarros diferentes dos nossos, apenas de que para mim, ambos são iguais.” Quem é de fora, pode achar que a cultura de dois povos é a mesma, é igual, entretanto os próprios grupos se distinguem para reforçar a sua cultura como “original”. Dentre o estudo de lendas e folclore podemos lembrar, o folclore, nasce da oralidade, do campo, suas raízes estão fincadas

na relação do homem com a terra, enquanto a lenda urbana, como o próprio nome diz, é urbanizada, ela respinga dos becos, bebe das fontes dos jornais, das notícias, ela escorre do boca-a-boca pela cidade, mas suas raízes surgem do contato com a violência urbanizada. Rocha (2009 p.219) o etnólogo inglês William John Thoms propôs em Carta, publicada na Revista The Atheneum, em 1848 o termo folk-lore (“saber tradicional do povo”) para designar os estudos das então chamadas “antiguidades populares” E deste então folclore se tornou sinônimo para cultura popular.”

Segundo Benjamin (p.1. 1989):

A palavra folclore, grafada inicialmente folk-lore fora formada a partir de das velhas raízes saxônicas em que folk significa povo e lore saber. Assim, segundo o seu criador, a nova palavra significa sabedoria do povo. Nessa época, não existia um folclore urbano, hoje já aceito. (BENJAMIN, 1989, p.1)

A construção de um ideal de cultura popular como citado por Benjamin e Rocha, partiu da visão da sociedade e dos pesquisadores sobre as crenças e narrativas do povo interiorano, do camponês. A mudança de um olhar da cidade para o campo que posteriormente, após a vista cansada se torna um êxodo urbano. No Brasil, segundo Rocha (2009 p.222) “a partir do final do século XIX, surgem os folcloristas, nomes como Couto de Magalhães, Sílvio Romero e Mário de Andrade que marcam como corte temporal os anos 20,

momento em que o folclore se torna “objeto” de estudo dos intelectuais brasileiros.”

Segundo Chuva (2012. p.150)

nos anos 30, Mário de Andrade encarnou o papel de agente do poder público para a promoção da cultura brasileira, lançando tanto as bases para a ação do Estado na preservação do patrimônio artístico no Brasil, quanto para o conhecimento do folclore brasileiro - que denominava também de cultura popular, não julgando pertinente essa distinção. Suas viagens em missão ao Nordeste, seguidas da ação no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo foram as suas principais fontes de experiência para a construção de uma metodologia de conhecimento da cultura brasileira de caráter científico, que subsidiaria a criação, em 1947 da Comissão Nacional do Folclore, e para a formulação das suas concepções de arte, cultura e patrimônio. (CHUVA, p.150)

A luta e paixão de Mário de Andrade pela cultura popular, pela concepção de patrimônio imaterial e a aceitação dessa “nova” categoria de patrimônio dentro do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) marcaram sua carreira e trouxeram visibilidade, com a Comissão Nacional do Folclore (CFN), que em 1976 foi incorporado a Funarte como Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e em 2003 se incorporou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A cultura popular defendida por Mário de Andrade busca apresentar um Brasil pluricultural, que se dissolve em diversas expressões artísticas, sociais e culturais, e dentro desse leque de possibilidades, existe o terror, que se desdobra

mais uma vez, na forma de lenda com uma subcamada urbanizada.

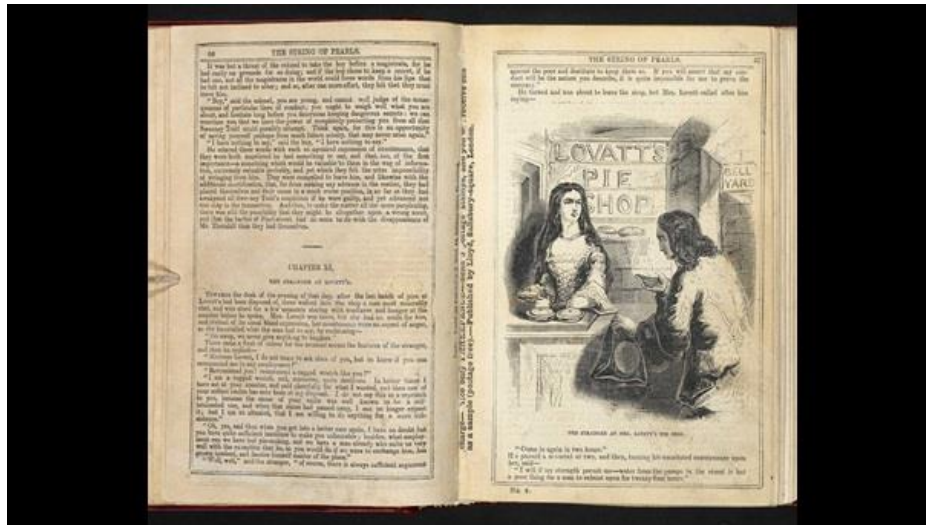
### 2.3 O HORROR COMO UM CAMINHO

A morte e o fúnebre, nem sempre foi uma grande preocupação para a sociedade, Ariés em seu livro *A história da morte no ocidente*, nos apresenta como a temática era abordada pelas pessoas e de que maneira chegamos à visão contemporânea sobre a morte. Ariés (2012 p.137) explica que “na idade média, cercada de suas pestes, morrer era algo esperado, não romantizado e dito apenas como parte da vida.” Ainda para Ariés (2012 p.140) “a partir do século XVI à XVII, se rompe com a ideia de morte, em seus retratos, passando de um modelo, cadavérico, apático com relação a humanidade, para uma visão de morte romantizada e erotizada, ousando tocar aos vivos.” E com isso, se inicia uma nova visão sobre a morte e o macabro, saindo de um ideal normalizado, para um soturno e por fim, sexualizado.

Segundo Flanders (2014)

em 1830 ocorreu um boom na busca por literatura barata na Inglaterra vitoriana, as conhecidas *Penny Bloods*, renomeadas em 1860 pela alcunha de *Penny Dreadfuls*, traziam histórias sobre piratas e crimes, em geral, como seu primeiro nome predizia, narrativas sangrentas, o sombrio e gore eram populares entre as classes, das mais baixas às mais altas de Londres (FLANDERS, 2014).

Figura 1 – Parte do *The String of Pearls, or, The Barber of Fleet Street*.



Fonte: PennyDreadfuls. <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/penny-dreadfuls>.

O século dezenove é marcado pelo gosto pelo sangue, pela busca por uma literatura sangrenta com notas de crimes, entretanto antes disso, podemos citar a “febre” pelo terror e horror que assolava a Europa. Em 1818 Mary Shelley escreveria um marco na literatura, *Frankenstein*, compartilhando o dilema entre o criador e a criação. Em 1897 Bram Stoker escreveu *Drácula* e em 1888 na Whitechapel, área empobrecida de Londres, se iniciaria uma série de assassinatos que até hoje intrigam e fascina homens e mulheres, Jack o estripador causou medo e pavor pelas ruas e becos se tornando uma lenda... Urbana. O impacto de um caso como o de Jack criou braços sobre a indústria do entretenimento, filmes, séries e versões em animações como no anime e manga *Record of Ragnarok*. Esse não é o único caso em que uma tragédia foi ressignificada em cultura popular e turismo.

Em 2018 foi criado o documentário *Turismo Macabro*, sua proposta era apresentar oito destinos nos quais se relacionassem com situações, “macabras” e que foram ressignificadas como espaços turísticos. Dentro do patrimônio podemos considerar essa divisão como Patrimônio sombrio ou patrimônio da dor. Segundo Oriá (2021):

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) passou a adotar a expressão “patrimônios sombrios, marginais ou da dor” ao eleger determinados sítios históricos com o objetivo de denunciar as violações aos direitos humanos e os genocídios praticados na História contra as minorias étnicas e determinados grupos sociais. (ORÍÁ, 2021)

Neste artigo, consideramos toda manifestação de patrimônio, material ou material que represente sofrimento ou dor, como um patrimônio sombrio. Retornando ao turismo, podemos ler através dos episódios do documentário uma visão sobre os locais e sua absorção de público.

o primeiro episódio, na América Latina é possível acompanhar um exorcismo mexicano e uma simulação da travessia ilegal pela fronteira do México com os Estados Unidos, a travessia é conhecida pelas mortes de imigrantes. O segundo episódio no Japão, o entrevistador visita uma cidade que foi atingida pela bomba atômica na segunda guerra mundial e adentram a floresta de Aokigahara, conhecida como

floresta dos suicidas. No terceiro episódio, nos Estados Unidos da América, ocorre um tour pelos passos do assassinado do antigo presidente John Kennedy e uma entrevista com um fã do assassino Jeffrey Dahmer, ao todo a série/documentário possui oito episódios e sua avaliação pelo buscador Google é de 92% de aprovação.

Figura 2 – Turismo Macabro.

Aproximadamente 27.100 resultados (0,37 segundos)



### Turismo Macabro

2018 · Documentário · 1 temporada

Visão geral

Assistir programa

Avaliações

Episódios

#### Avaliações



adorocinema.com

<https://www.adorocinema.com/series/serie-23852>

#### Turismo Macabro - Série 2018 - AdoroCinema

Turismo Macabro é uma série de TV de David Farrier e Dylan Reeve. Encontre todas as notícias e vídeos da série Turismo Macabro. ... Avaliar: 0.5 Horrível.

★★★★★ Avaliação: 3,2 - 17 votos

Não inclui: avaliação | Precisa incluir: avaliação

<https://www.adorocinema.com/serie-23852/criticas>

Fonte: Google page.

#### Assistir programa



Assistir agora

Assinatura



Assisti

#### Sobre

92% gostaram desse programa de TV

Usuários do Google

Para além dos espaços citados no documentário, existem locais que atraem grupos que se interessam pela temática. No Brasil em 2011 foi criado em São Paulo capital o SP Haunted tour com a proposta de passar por partes da cidade onde ocorrem lendas urbanas. Em seu site a descrição diz:

O SP Haunted Tour, criado em 2011, é um city tour inovador ao proporcionar uma experiência lúdica aos seus participantes, onde lendas urbanas e tragédias são abordadas com o intuito de gerar reflexões sobre as questões que afligem a mente humana e que impactam na rotina da metrópole. (SPHTOUR, 2011).

No site é possível ler relatos de pessoas que já participaram do tour e como se sentiram com a experiência. O turismo obscuro ou macabro, segundo Liguori (2017 p.1) “é uma modalidade de turismo praticada por interessados em visitar destinos relacionados à morte, desastres, guerra, sofrimento, violência e tortura.” As lendas urbanas do projeto SP Haunted tour se enquadram nessa temática por serem relacionadas a morte, ao além vida e ao sombrio

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que possuem relação com à personalidade, as características peculiares de um indivíduo, isto é, tudo o que lhe é importante e que, conseqüentemente, a diferencia de outro indivíduo. Os bens tutelados pelos direitos da personalidade ou estão inseridos no próprio indivíduo, como, por exemplo, a vida e a integridade física, ou estão, de modo íntimo relacionados a ela, como, por exemplo, a liberdade, honra, nome, de maneira que não podem ser transferidos, renunciados ou restritos.

Por meio da conscientização da personalidade, chega-se à expansão do instituto da responsabilidade civil à tutela dos direitos da personalidade, sendo que os direitos básicos de um indivíduo, que constituem a base jurídica da vida humana em seu nível atual de dignidade, começam a ter ênfase e, por consequência, priorizados. Nos dias atuais, os direitos da personalidade são de suma importância, assim, a sua tutela jurídica é dupla, isto é, no âmbito público, como no âmbito do direito privado.

O respaldo legal destes anseios está presente em inúmeros textos normativos, desde a Constituição Federal de 1988, passando pelos códigos e, por fim, chegando-se até às leis esparsas.

Pode-se concluir que os direitos da personalidade têm como base a essencialidade e critérios de humanização dos valores considerados como mais importantes, por exemplo, a integridade física, integridade moral

e intelectual, nas suas mais inúmeras manifestações cotidianas, necessitando por sua vez da tutela estatal.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedades**. 5.ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

ARIES, Phillippe. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: RJ: Nova Fronteira, 2012.

BAKHTIN, Mikhail, Mikhailovitch. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo, SP: UnB, 1987.

BENJAMIN, Roberto. **Conceito de folclore**. 1989. Disponível em: [https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra\\_conceito.pdf](https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf). Acesso em: 22 ago. 2022.

CHUVA, Márcia. Por uma noção da história do patrimônio cultural no Brasil. In: **Revista do Patrimônio Histórico e artístico nacional**, n. 34, 2012. p. 147-164.

FERNANDES, Florestan. **O Folclore em questão**. 2.ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1989.

FLANDERS, Judith. Penny Dreadfuls. In: **British Library**. 2014. Disponível em: <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/penny-dreadfuls>. Acesso em: 30 Jul. 2023.

HALL, Stuart, et all. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LIGUORI, Fernanda Pereira. O turismo obscuro e o patrimônio edificado. In: **Anais do XXIVX Simpósio Nacional de História**. 2017. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502235151\\_ARQUIVO\\_Oturismoobscuro](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502235151_ARQUIVO_Oturismoobscuro)



[epatrimonioedificado.pdf](#). Acesso em: 16. Jun. 2023.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. 4.ed. Coleção debates. São Paulo, SP: Debates, 2009.

ORIÁ, Ricardo. Patrimônios difíceis: o memorial da pandemia. In: **Instituto Brasileiro de Direitos Culturais**. 2021. Disponível em: <https://www.ibdcult.org/post/patrim%C3%B4nios-dif%C3%ADceis-o-memorial-da-pandemia#:~:text=No%20Brasil%2C%20pode%20citar%20alguns,de%20tortura%20aos%20presos%20politicos>. Acesso em: 25 Jun. 2023.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. In: **Mediações**, v. 14, n.1, jan/jun. 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16.ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006;

SPHTOUR (2011) Disponível em: <https://www.sphtour.com/>. Acesso em: 31 Jul. 2023.

TURISMO MACABRO. Direção de David Farrier e Dylan Reeve. Nova Zelândia, **Netflix**, 2018.